

O Espírito de Profecia: Guiando e Ensinando

As Duas Tábuas de Habacuque

Jeff Pippenger

2012-10-15

As Duas Tábuas de Habacuque 3 de 95

Introdução: O Fundamento das Duas Tábuas de Habacuque

Esta série chama-se As Duas Tábuas de Habacuque. Até aqui, temos tomado certas verdades dos quadros de 1843 e 1850, não para defendê-las biblicamente neste ponto, mas para estabelecer que Ellen White endossa essas verdades. Nossa afirmação é que, se você rejeita essas verdades fundamentais, está, ao mesmo tempo, rejeitando o Espírito de Profecia. Queremos consignar isso em primeiro lugar.

Revisão da História Milerita e o Clamor da Meia-Noite

Em nossa primeira apresentação, delineamos a história dos mileritas, os marcos de 1798 a 1844. Em nossa última apresentação, examinamos mais de perto a história desde o tempo de tardança até o fechamento da porta em 22 de outubro de 1844, identificando esse período como o Clamor da Meia-Noite. O Clamor da Meia-Noite entrou na história na Reunião Campal de Exeter, de 12 a 17 de agosto de 1844, e continuou até 22 de outubro de 1844. O tempo de tardança, que começou em março de 1844, faz parte do Clamor da Meia-Noite e do processo de purificação que preparou um povo para proclamar sua mensagem.

Esperávamos estabelecer isto em vosso coração e em vossa mente ontem. Todas as ilustrações, na Palavra de Deus, de tempos de demora falam acerca do fim do mundo. Ellen White, comentando sobre 1 Coríntios 10:11, diz: “Cada um dos antigos profetas falou mais para os nossos dias do que para os dias em que viveu.” 1 Coríntios 10:11 declara: “Ora, tudo isto lhes aconteceu como exemplo; e está escrito para advertência nossa, para quem os fins dos séculos têm chegado.” A história dos mileritas é uma história do que ocorrerá no fim do mundo. Todas estas histórias bíblicas do tempo de demora e do que se segue ilustram o que haveria de ocorrer no tempo de demora milerita e no Clamor da Meia-Noite. Precisamos compreender estas coisas, porque a história há de repetir-se.

Os 2520: O Endosso de Ellen White

Temos tratado da primeira questão nestes gráficos, embora não a tenhamos mencionado muito. A primeira doutrina que queremos demonstrar que Ellen White claramente endossa é o 2520. As duas primeiras apresentações foram planejadas para nos conduzir até aqui. Amanhã de manhã, começaremos a considerar o Diário neste gráfico.

Recordando a Direção e o Ensino do Senhor

Começemos com *Life Sketches*, página 196: “Nada temos a temer quanto ao futuro, a menos que nos esqueçamos do caminho pelo qual o Senhor nos tem conduzido, e de Seus ensinamentos em nossa história passada.” A única coisa que um cristão tem a temer quanto ao futuro é desviar-se do caminho e perder-se. Aquilo de que se deve ter temor é não alcançar a vida eterna. Aqui, a irmã White diz que nada temos a temer quanto ao futuro, exceto duas coisas. Esta é uma passagem comum no Espírito de Profecia no adventismo, mas raramente se ouve alguém desenvolver a que condução e a que ensinamentos ela está se referindo.

Mostraremos que a direção a que ela se refere é a história do Clamor da Meia-Noite. Na história do Clamor da Meia-Noite, Cristo estava conduzindo no tempo de tardança, na chegada e proclamação do Clamor da Meia-Noite, e no fechamento da porta em 22 de outubro de 1844. Ele planejou essa história para produzir um povo que pudesse entrar, pela fé, com Ele no Lugar Santíssimo. Devemos temer esquecer essa história particular, bem como os Seus ensinamentos.

Mostraremos que houve um ensinamento específico que produziu o Clamor da Meia-Noite. Esse ensinamento não foi a queda do Império Otomano em 11 de agosto de 1840, nem o estado dos mortos, que surgiu na história da Mensagem do Segundo Anjo na História Millerita. Foi um ensinamento específico na História Millerita que produziu o Clamor da Meia-Noite, no qual o Senhor guiou, e nada temos a temer quanto ao futuro, a menos que nos esqueçamos de Sua direção e de Seu ensinamento.

Sugerimos que o símbolo tanto de Sua direção quanto de Seu ensinamento é o Clamor da Meia-Noite. Leiamos novamente esta passagem da primeira visão de Ellen White: “Por este caminho o povo adventista estava viajando para a cidade que se achava na extremidade mais distante do caminho. Tinham uma luz brilhante colocada atrás deles, no início do caminho, a qual um anjo me disse ser o clamor da meia-noite. Esta luz brilhava por todo o caminho e iluminava seus pés, para que não tropeçassem. Se conservassem os olhos fixos em Jesus, que estava justamente diante deles, conduzindo-os para a cidade, estavam seguros. Mas logo alguns se cansaram e disseram que a cidade estava muito longe, e que esperavam já ter entrado nela. Então Jesus os animava erguendo Seu glorioso braço direito, e de Seu braço saía uma luz que se derramava sobre o grupo adventista, e eles exclamavam: ‘Aleluia!’ Outros, temerariamente, negaram a luz que estava atrás deles, e disseram que não fora Deus quem os havia conduzido até ali.”

Eles estão negando o Clamor da Meia-Noite e, em conexão com o Clamor da Meia-Noite, estão argumentando que o Senhor não os estava guiando no Clamor da Meia-Noite. Estão negando a direção de Deus no Clamor da Meia-Noite. “A luz atrás deles se apagou, deixando seus pés em completa escuridão, e eles tropeçaram e perderam de vista o alvo e a Jesus, e caíram do caminho para baixo, no mundo escuro e ímpio abaixo.”

O Clamor da Meia-Noite em Contexto

Examinaremos mais uma vez a história do Clamor da Meia-Noite para situá-la em seu contexto antes de tratarmos do 2520.

De *O Grande Conflito*, páginas 391–395: “Quando passou o tempo em que a vinda do Senhor fora primeiramente esperada, na primavera de 1844,” — este é o tempo de tardança, o primeiro

desapontamento — “aqueles que, pela fé, haviam aguardado o Seu aparecimento ficaram, por algum tempo, envolvidos em dúvida e incerteza. Enquanto o mundo os considerava como tendo sido totalmente derrotados e como havendo acalentado uma ilusão, sua fonte de consolação ainda era a palavra de Deus. Muitos continuaram a perscrutar as Escrituras, reexaminando as evidências de sua fé e estudando cuidadosamente as profecias a fim de obter maior luz.”

Se muitos fizeram isto, isso significa que havia alguns que não o fizeram. Não diz “eles”; diz “muitos” — aqui há duas classes. “O testemunho da Bíblia em apoio de sua posição parecia claro e conclusivo. Sinais que não podiam ser confundidos apontavam para a vinda de Cristo como próxima. A bênção especial do Senhor, tanto na conversão de pecadores como no reavivamento da vida espiritual entre os cristãos, havia testificado que a mensagem vinha do Céu. E, embora os crentes não pudessem explicar o seu desapontamento, sentiam-se certos de que Deus os havia guiado em sua experiência passada.

Entrelaçadas com profecias que haviam considerado aplicáveis ao tempo do segundo advento, havia instruções especialmente adaptadas ao seu estado de incerteza e suspense, encorajando-os a esperar pacientemente, na fé, que aquilo que então era obscuro ao seu entendimento, a seu tempo se tornaria claro.

Nesse parágrafo, diz: “Entrelaçadas com profecias que haviam considerado como se aplicando ao tempo do segundo advento . . .” Que profecias eles criam aplicar-se ao Segundo Advento? O 2520, o 2300 e o 1335. Eles criam que essas três profecias de tempo terminavam em 1843, e que isso era o Segundo Advento.

Entre essas profecias estava a de Habacuque 2:1-4: “Pôr-me-ei na minha vigia, e assentar-me-ei sobre a torre, e vigiarei para ver o que Ele me dirá, e o que eu responderei quando for repreendido. E o Senhor me respondeu, e disse: Escreve a visão, e torna-a bem legível sobre tábuas, para que a possa ler até quem passa correndo. Porque a visão ainda está para o tempo determinado, mas no fim falará, e não mentirá; ainda que tardar, espera-o; porque certamente virá, não tardará. Eis que a sua alma, que se eleva, não é reta nele; mas o justo viverá pela sua fé.”

Já em 1842, a orientação dada nesta profecia para “escrever a visão, e torná-la bem legível sobre tábuas, para que a possa ler até quem passa correndo” sugeriu a Charles Fitch a preparação de um quadro profético para ilustrar as visões de Daniel e do Apocalipse. A publicação desse quadro foi considerada como um cumprimento da ordem dada por Habacuque. Ninguém, porém, percebeu então que um aparente atraso no cumprimento da visão — um tempo de demora — é apresentado na mesma profecia. Depois do desapontamento, esta passagem da Escritura pareceu muito significativa: “Porque a visão ainda está para o tempo determinado, mas no fim falará, e não mentirá; ainda que tarde, espera-o; porque certamente virá, não tardará. . . . O justo viverá pela sua fé.”

O Gráfico de 1843 e o Espírito de Profecia

Não importa se você faz trabalho regular ou trabalho irregular — termos que Ellen White usa, respectivamente, para a obra da conferência e para a obra de sustento próprio. Quer você vá aos principais ministérios de sustento próprio no adventismo, quer à Conferência Geral ou ao Instituto de Pesquisa Bíblica, se lhes perguntar acerca do Gráfico de 1843, eles dirão: “Há muitos erros neste Gráfico.” Eles discordam de Ellen White, que diz que o Senhor manteve Sua mão sobre “um erro” em alguns dos algarismos deste Gráfico.

Mas eles também se colocam em oposição à Palavra de Deus. Em Habacuque, diz-se que esta visão “não mentirá”. A visão que os Pioneiros deviam colocar no Quadro de 1843, e que de fato colocaram, é um cumprimento de Habacuque 2. Esta é a visão que eles deviam colocar neste Quadro, e Habacuque 2 diz que esta visão “não mentirá”. Portanto, quando se diz que este Quadro está “cheio de erros”, está-se opondo tanto ao Espírito de Profecia quanto à Bíblia.

Uma porção da profecia de Ezequiel também foi fonte de força e conforto para os crentes: “Veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Filho do homem, que provérbio é este que tendes na terra de Israel, dizendo: Prolongam-se os dias, e toda visão falha? Dize-lhes, portanto: Assim diz o Senhor Deus... Já estão próximos os dias, e o cumprimento de toda visão... Eu falarei, e a palavra que eu falar se cumprirá; não será mais adiada.” “Os da casa de Israel dizem: A visão que ele vê é para muitos dias ainda, e ele profetiza de tempos que estão longe. Portanto, dize-lhes: Assim diz o Senhor Deus; nenhuma das minhas palavras será mais adiada, mas a palavra que falei se cumprirá.” Ezequiel 12:21–25, 27, 28.

Dois Classes de Adoradores

Note que ela está falando de duas classes de adoradores. Ela diz que muitos, quando veio este desapontamento, continuaram a estudar as profecias, indicando que havia uma classe que não continuou. Obteremos mais luz sobre a distinção entre as duas classes.

O cumprimento de Habacuque 2:1–4 é este Quadro de 1843 e o Quadro de 1850. Mesmo em Habacuque, o versículo 4 diz que o justo viverá pela sua fé, e aquele cujo coração se ensoberbece. Está descrevendo duas classes de adoradores. A história do Clamor da Meia-Noite produz duas classes de adoradores, e essas duas classes são tratadas em Habacuque.

No parágrafo seguinte, após fazer referência a Habacuque 2 e Ezequiel, ela identifica uma das classes: “os que esperam”. Quem são os que esperam? São aqueles que cumprem Daniel 12: “Bem-aventurado aquele que espera e chega aos 1335.” Esta classe é a dos que esperam.

Os que aguardavam regozijaram-se, crendo que Aquele que conhece o fim desde o princípio havia contemplado através dos séculos e, prevendo o seu desapontamento, lhes havia dado palavras de ânimo e esperança.

Recebemos uma ligação de uma irmã que vinha trabalhando, havia alguns anos, em um dos países do Leste Europeu. Ela era de lá, mudou-se para os Estados Unidos e, quando compreendeu esta mensagem, mudou-se de volta. Ela tem enfrentado resistência, tendo sua antiga família de igreja procurado a liderança em seu país para “fechar-lhe a porta”. Recentemente, o Senhor lhe abriu a porta para compartilhar esta mensagem com grupos.

Ela telefonou esta manhã cedo, compartilhando que um obstáculo era o transporte. Eles precisavam de um carro para viajar e ensinar esta mensagem, mas não tinham os recursos financeiros. Assim que chegaram a este lugar, amigos dos Estados Unidos, convencidos pelo Senhor, enviaram dinheiro suficiente para comprar um carro.

Esse é o tipo de experiência que estava ocorrendo com os desapontados. Eles estavam desapontados, mas o Senhor os conduziu às Escrituras para os animar, dizendo: "Esse desapontamento foi por minha direção. Apenas continuem avançando."

Não fosse por tais passagens das Escrituras, que os admoestavam a esperar com paciência e a conservar firmemente a sua confiança na palavra de Deus, a sua fé teria falhado naquela hora de provação.

A Parábola das Dez Virgens e o Tempo de Demora

Observe como a Irmã White relaciona a parábola das Dez Virgens com Habacuque 2, visto que ambos tratam de um tempo de demora e de duas classes de adoradores.

A parábola das dez virgens de Mateus 25 também ilustra a experiência do povo adventista. Em Mateus 24, em resposta à pergunta de Seus discípulos acerca do sinal de Sua vinda e do fim do mundo, Cristo havia apontado alguns dos acontecimentos mais importantes na história do mundo e da igreja, desde o Seu primeiro até o Seu segundo advento; a saber, a destruição de Jerusalém, a grande tribulação da igreja sob as perseguições pagãs e papais, o escurecimento do sol e da lua, e a queda das estrelas. Depois disso, Ele falou de Sua vinda em Seu reino e relatou a parábola que descreve as duas classes de servos que aguardam o Seu aparecimento. O capítulo 25 se abre com as palavras: "Então, o reino dos céus será semelhante a dez virgens." Aqui é apresentada à vista a igreja que vive nos últimos dias," — agora, ela está aplicando isso à história milerita, mas observe o que ela está dizendo — "Aqui é apresentada à vista a igreja que vive nos últimos dias," — quem é "a igreja que vive nos últimos dias"? Somos nós.

O mesmo que é indicado no final do capítulo 24. Nesta parábola, sua experiência é ilustrada pelos incidentes de um casamento oriental. "Então o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do noivo. E cinco delas eram prudentes, e cinco insensatas. As insensatas, tomando as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo; mas as prudentes levaram azeite em seus vasos, com as suas lâmpadas. E, tardando o noivo, tosquenejaram todas e adormeceram. Mas, à meia-noite, ouviu-se um clamor: Eis o noivo! saí ao seu encontro."

A vinda de Cristo, conforme anunciada pela mensagem do primeiro anjo, foi compreendida como sendo representada pela vinda do noivo. A ampla reforma ocorrida sob a proclamação de Sua breve vinda correspondia à saída das virgens. Nesta parábola, como em Mateus 24, duas classes são representadas. Todas haviam tomado as suas lâmpadas, a Bíblia, e à sua luz saíram ao encontro do Noivo. Mas, enquanto as néscias tomaram as suas lâmpadas sem óleo, as sábias levaram óleo em seus vasos. As sábias haviam recebido a graça de Deus, o poder regenerador e iluminador do Espírito Santo, o qual fazia de Sua palavra uma lâmpada para os seus pés. Estudavam as Escrituras para conhecer a verdade e buscavam com sinceridade a pureza de coração e de vida. Estas

possuíam uma experiência pessoal e fé em Deus e em Sua palavra, que não podiam ser subvertidas pelo desapontamento e pela demora. Outras agiam por impulso, dependendo da fé de seus irmãos, satisfeitas com boas emoções, mas carecendo de uma compreensão profunda da verdade ou de uma genuína obra da graça. Não estavam preparadas para a demora e para o desapontamento. Quando vieram as provações, sua fé desfaleceu, e as suas luzes ardiam tenuemente.

“Enquanto o noivo tardava,”

Quando tardou o Noivo? 22 de março de 1844. Ele tarda. O que vai acontecer agora? Estas duas classes vão manifestar-se.

Quando nos esquecemos do Clamor da Meia-Noite e caímos do caminho para o mundo ímpio abaixo, demonstramos que não compreendemos o Evangelho. O Evangelho Eterno é a obra de Cristo em produzir duas classes de adoradores, com base em uma mensagem profética probante. Do tempo de demora ao fechamento da porta, este é o clímax do Evangelho Eterno. Aqui, o Senhor toma duas classes no tempo de demora, buscando conduzi-las ao Juízo com Ele mesmo, e as submete a um processo de prova para demonstrar se verdadeiramente têm azeite ou não. Este é o clímax da obra de Cristo de separar o ouro da escória, o trigo do joio, as prudentes das insensatas.

“Enquanto o noivo tardava, tosquenejaram todas e adormeceram.” Pelo tardar do noivo é representado o transcurso do tempo em que o Senhor era esperado, o desapontamento e a aparente demora. Nesse tempo de incerteza, o interesse dos superficiais e irresolutos logo começou a vacilar, e seus esforços a enfraquecer; mas aqueles cuja fé se baseava em um conhecimento pessoal da Bíblia tinham uma rocha debaixo dos pés, que as ondas do desapontamento não podiam remover. “Tosquenejaram todas e adormeceram”; uma classe em descuido e abandono de sua fé, a outra esperando pacientemente até que fosse dada luz mais clara. Contudo, na noite da prova, estes últimos pareceram perder, em certa medida, seu zelo e devoção. Os irresolutos e superficiais já não podiam apoiar-se na fé de seus irmãos. Cada um deve permanecer em pé ou cair por si mesmo.

Quando veio o desapontamento, duas classes começaram a dormir de maneira diferente; mas até as virgens prudentes perderam algo do seu zelo. O Senhor estava guiando nisso, para que, quando a mensagem do Clamor da Meia-Noite viesse na Reunião Campal de Exeter, Ele realizasse uma obra entre elas.

O Processo de Prova: o Tempo de Demora e o Clamor da Meia-Noite

Do Espírito de Profecia, volume 4, página 228: Lembrai-vos de que este processo — o Clamor da Meia-Noite, desde o Tempo de Tardança até o fechamento da porta — é o Senhor pondo Seu povo à prova. O Clamor da Meia-Noite na Reunião Campal de Exeter, em sua proclamação até 22 de outubro de 1844, é apenas uma parte dessa história. Ele não pode ser separado do tempo de tardança, que prepara para o efeito do Clamor da Meia-Noite entre as duas classes de adoradores. Deveis compreender o Clamor da Meia-Noite, porque, se não o compreenderdes, caireis do caminho.

Deus pretendeu provar o seu povo. Sua mão encobriu um erro no cômputo dos períodos proféticos. Sua mão, a mão do Senhor, encobriu um erro singular no cômputo dos períodos proféticos, no plural. Os adventistas não descobriram o erro, nem ele foi descoberto pelos mais eruditos dentre os seus oponentes. Estes últimos diziam: “Vosso cômputo dos períodos proféticos está correto. Algum grande acontecimento está para ocorrer; mas não é o que o Sr. Miller prediz; é a conversão do mundo, e não o segundo advento de Cristo.”

Passou o tempo de expectativa, e Cristo não apareceu para o livramento de Seu povo. Aqueles que haviam esperado pelo seu Salvador com fé e amor sinceros experimentaram uma amarga decepção. Todavia, o Senhor havia cumprido o Seu propósito: provar o coração daqueles que professavam estar aguardando o Seu aparecimento. Entre eles havia muitos que haviam sido movidos pelo temor, em vez de pelo amor à verdade. Quando o acontecimento esperado deixou de ocorrer, essas pessoas declararam não estar desapontadas; nunca haviam crido que Cristo viria. Estiveram entre os primeiros a ridicularizar a tristeza dos verdadeiros crentes.

Este era o propósito do Senhor. Nada temos a temer quanto ao futuro, a menos que nos esqueçamos de como o Senhor nos tem conduzido em nossa experiência passada, e nada temos a temer, a menos que nos esqueçamos dos ensinamentos do Senhor em nossa experiência passada. Estamos sugerindo que não se pode separar essa direção de Seu ensino.

Life Sketches of James White and Ellen G. White 1888, páginas 186–187: “Deus provou e testou o seu povo pela passagem do tempo em 1843. O erro — um erro singular — que cometeram ao calcular os períodos proféticos não foi imediatamente descoberto nem mesmo por homens instruídos que se opunham às opiniões daqueles que aguardavam a vinda de Cristo. Esses profundos estudiosos declaravam que o Sr. Miller estava certo em seu cálculo do tempo, embora o contestassem quanto ao acontecimento que coroaria esse período. Mas eles, e o povo de Deus que aguardava, estavam em um erro comum na questão do tempo.

Creemos plenamente que Deus, em Sua sabedoria, dispôs que Seu povo passasse por um desapontamento, o qual era perfeitamente calculado para revelar os corações e desenvolver os verdadeiros caracteres — não somente para revelar os seus corações, mas para desenvolver os seus caracteres, levando-os a um ponto em que isso seria demonstrado na crise que sobrevém ao Clamor da Meia-Noite. Aqueles que abraçaram a mensagem do primeiro anjo por temor dos juízos de Deus, e não porque amavam a verdade e desejavam uma herança no reino dos céus, agora apareceram em sua verdadeira luz. Estavam entre os primeiros a ridicularizar os desapontados que sincera e ardentemente ansiavam pela aparição de Jesus e a amavam. Essa prova de Deus, a mais perscrutadora, revelou os verdadeiros caracteres daqueles que se esquivaram da responsabilidade e do opróbrio, negando a sua fé na hora da prova.

Aqueles que haviam sido desapontados não foram deixados em trevas; pois, ao examinarem os períodos proféticos com fervorosas orações, o erro foi descoberto — o erro singular — e o traçado do lápis profético foi seguido através do tempo de tardança. Na jubilosa expectativa da vinda de Cristo, a tardança aparente da visão não havia sido levada em conta, e isso constituiu uma surpresa triste e inesperada. Contudo, essa própria prova era grandemente necessária para desenvolver e fortalecer os crentes sinceros na verdade. O tempo de tardança era grandemente necessário. Não

somente havia de demonstrar as duas classes e começar a desenvolver os seus caracteres, os quais seriam demonstrados na história do Clamor da Meia-Noite até ao fechamento da porta, mas era necessário para fortalecer aqueles que saíam do lado certo da questão. Não se pode separar o tempo de tardança do Clamor da Meia-Noite nem do fechamento da porta.

Quando negais o Clamor da Meia-Noite, estais negando essa própria história. O Clamor da Meia-Noite não é apenas a mensagem de Samuel Snow na Reunião Campal de Exeter; é a experiência do tempo de tardança. É para aí que o Senhor estava conduzindo. Nada temos a temer quanto ao futuro, a não ser que esqueçamos a direção do Senhor em nossa história passada — esta história do tempo de tardança e do Clamor da Meia-Noite, na qual Ele leva ao clímax o Evangelho Eterno na História Milerita, produzindo duas classes de adoradores.

Primeiros Escritos, página 74: “Vi que o gráfico de 1843 foi dirigido pela mão do Senhor, e que não deveria ser alterado; que os algarismos eram como Ele os queria; que Sua mão estava sobre ele e ocultou um erro em alguns dos algarismos, de modo que ninguém pudesse vê-lo, até que Sua mão fosse removida.”

O Mistério da Iniquidade e o Processo de Provação

Se tivéssemos tempo, poderíamos discutir o mistério da iniquidade. O mistério da iniquidade pode ter mais de uma definição correta, mas aqui se refere à obra de Satanás em misturar o mal com o bem, a verdade com o erro, nas histórias sagradas em que o Senhor põe Seu povo à prova. Nas histórias sagradas da Escritura em que o Senhor conduz Seu povo a um processo de prova, sempre se verá o mistério da iniquidade — a atividade de Satanás em misturar a verdade com o erro. Quando as pessoas chegam a esse ponto de prova, o mistério da iniquidade obscureceu as questões.

Quando chegou o tempo de prova de Noé, a Bíblia nos diz que a semente de Satanás havia sido misturada com a semente de Deus antes disso. Foi isso que fez com que o mistério da iniquidade se cumprisse no tempo de Noé, expresso em Gênesis como os filhos de Deus tomando para si as filhas dos homens por mulheres — a mistura das duas sementes, o mistério da iniquidade que precede a prova de Noé.

Na prova de Moisés e do Mar Vermelho, a Escritura descreve como Israel, que seria provado no Mar Vermelho e no Sinai, havia sido corrompido pelos ensinamentos do Egito, depois de ter permanecido ali por tanto tempo. Esse era o mistério da iniquidade — ser influenciado por ensinamentos satânicos.

No tempo dos judeus, foram os ensinamentos gregos que prepararam o caminho para que o Sinédrio rejeitasse o seu processo de prova.

Na história milerita, os mileritas das igrejas protestantes haviam acabado de sair de 1260 anos de influência papal, a qual corrompeu a semente pura com a semente impura, produzindo um mistério de iniquidade que precedeu a prova da História Milerita.

Esse é o mistério da iniquidade que está sempre presente.

Se você estudar como opera o mistério da iniquidade, vá a *Patriarchs and Prophets*, o primeiro capítulo. A irmã White nos diz como Satanás levou a efeito o mistério da iniquidade no Céu. Haveria uma prova no Céu quanto a quais anjos permaneceriam e quais seriam removidos, e Satanás estava levando a efeito o mistério da iniquidade ali mesmo no Céu, antes desse processo de prova.

Satanás fez isso insinuando dúvida, colocando sua palavra acima da Palavra de Deus e, mais importante ainda, levando outros a expressar seus falsos ensinamentos — uma atividade sinistra. Ele colocaria dúvida em sua mente, e então você sairia e expressaria essa dúvida a um grupo. Se alguém se queixasse da dúvida, se queixaria de você, não dele.

Recentemente, um pastor em Spokane, Washington, comentou sobre *Primeiros Escritos*, página 74, dizendo: “Fui ao dicionário da época de Ellen White, o *Dicionário Webster*, e *figures* não significa nada relacionado com aritmética.” A maioria das pessoas que ouviu isso não o verificaria e acreditaria nele. No mínimo, esse pastor estava semeando dúvida acerca do que os algarismos representam nesta passagem; na realidade, estava mentindo. O *Dicionário Webster* de 1828 diz: *FIGURE*, s. Em aritmética, um caractere que denota um número, como 2, 7, 9.

Ele estava expressando dúvida, realizando a obra representada como o mistério da iniquidade. Ele estava identificando para os adventistas, se estiverem dispostos a ver, que, neste tempo da história da Terra, é preciso compreender a verdade por si mesmos e não dar ouvidos a seres humanos; porque “. . . o mistério da iniquidade já opera:”

Primeiros Escritos, página 74: “. . . que os algarismos estavam como Ele os queria, que a Sua mão estava sobre e ocultava um erro em alguns dos algarismos, de modo que ninguém o podia ver, até que a Sua mão fosse removida.”

Isso é desvio, e os teólogos frequentemente o fazem. Se você deseja compreender o significado de uma palavra na Bíblia ou no Espírito de Profecia, não recorra primeiro aos dicionários; recorra ao profeta. Por exemplo, Daniel usa a palavra hebraica *rum* em Daniel 8:11, traduzida como “tirado”. As pessoas pensam que ela significa “removido”, mas Daniel usa *rum* outras cinco vezes, e ela nunca significa “tirar” — significa “elevar e exaltar”. Portanto, pensar que *rum* em Daniel 8:11 significa “tirar” é seguir a tradição, e não a maneira como Daniel usou a palavra.

De modo semelhante, com Ellen White: Se você quiser alegar que, em *Early Writings*, 74, “*figures*” significa figuras artísticas ou gráficos, poderá dizer: “O dicionário nos dias de Ellen White não diz que *figures* significa aritmética”, confiando em que a maioria das pessoas não verificará. Mas, se o fizessem, constatariam que *figures* de fato significa aritmética.

Mas o primeiro lugar a que se recorre é à própria Ellen White: o que ela quer dizer com cifras? Em *Primeiros Escritos*, página 74, ela diz: “Sua mão estava sobre e escondia um erro em algumas das cifras”, e, na página 236, ela diz: “Sua mão cobriu um erro no cálculo dos períodos proféticos.” A profetisa identifica que sua terminologia, cifras, representa os períodos proféticos — a aritmética, não a arte gráfica.

Então, sobre o que o Senhor manteve a Sua mão? Ele manteve a Sua mão sobre um erro no cálculo dos períodos proféticos — os números.

O Endosso de Ellen White ao 2520

Este é o ponto crucial. Muitos estão apresentando a mesma mensagem que nós, e eu os apoio. Mas, quando se trata do 2520 e de se Ellen White cria que ele era uma profecia válida, este é o argumento — esta é a prova e o ponto de partida. Todos os demais argumentos são válidos e verdadeiros, mas este é o ponto de partida.

Em Primeiros Escritos, página 74, onde se diz que o Senhor manteve a Sua mão sobre um erro em alguns dos Algarismos, ela define o que isso significa no mesmo livro, na página 236: “Vi o povo de Deus alegre na expectativa, aguardando o seu Senhor. Mas Deus intentava prová-los.” Ela está falando do Tempo de Tardança [22 de março de 1844], o primeiro desapontamento.

Ela não está falando do Desapontamento em 22 de outubro de 1844, porque ali também eles seriam provados; mas aqui ela está falando de 22 de março de 1844, o tempo de tardança: “Deus determinou prová-los.” “Sua mão cobriu um erro no cálculo dos períodos proféticos.” Como Ele iria prová-los pelo tempo de tardança? Mantendo Sua mão sobre a compreensão que tinham dos períodos proféticos. Nada tendes a temer quanto ao futuro, a não ser que nos esqueçamos de como o Senhor nos tem guiado no passado, na história dos mileritas e em Seus ensinamentos.

Esses períodos proféticos são os ensinamentos que produziram o tempo de tardança. “Sua mão cobriu um erro no cálculo dos períodos proféticos. Aqueles que aguardavam o seu Senhor não descobriram esse erro” — erro, no singular — “e os homens mais instruídos que se opunham ao tempo também deixaram de percebê-lo. Deus determinou que o Seu povo passasse por um desapontamento. O tempo passou, e os que haviam aguardado com jubilosa expectativa o seu Salvador ficaram tristes e desalentados, ao passo que os que não haviam amado a aparição de Jesus, mas haviam abraçado a mensagem por temor, alegraram-se por Ele não ter vindo no tempo esperado. Sua profissão de fé não havia afetado o coração nem purificado a vida. O transcurso do tempo foi bem calculado para revelar tais corações. Foram os primeiros a voltar-se e ridicularizar os tristes e desapontados que realmente amavam a aparição de seu Salvador. Vi a sabedoria de Deus em provar o Seu povo e em dar-lhes uma prova penetrante para descobrir os que recuariam e voltariam atrás na hora da provação.

Jesus e toda a hoste celestial contemplavam com simpatia e amor aqueles que, com doce expectativa, haviam ansiado ver Aquele a quem suas almas amavam. Anjos pairavam ao redor deles, para os sustentar na hora de sua provação. Aqueles que haviam negligenciado receber a mensagem celestial foram deixados em trevas, e a ira de Deus se acendeu contra eles, porque não quiseram receber a luz que Ele lhes enviara do céu. Aqueles fiéis e desapontados, que não podiam compreender por que seu Senhor não viera, não foram deixados em trevas. Novamente foram levados às suas Bíblias para examinarem os períodos proféticos. A mão do Senhor foi retirada dos Algarismos, e o erro — singular — foi explicado.

Aqui ela explica o erro nos algarismos do Quadro de 1843, e já definiu que os algarismos representam os períodos proféticos. “Eles viram que os períodos proféticos se estendiam até 1844, e que a mesma evidência que haviam apresentado para mostrar que os períodos proféticos se encerravam em 1843 provava que terminariam em 1844.” Fim da discussão! Ellen White apõe seu selo de aprovação ao 2520.

Há somente três períodos proféticos no Gráfico de 1843 que eles compreenderam ter terminado em 1843: o 1335, o 2520 e o 2300. Deus reteve a Sua mão sobre um erro em alguns dos algarismos — os períodos proféticos neste Gráfico — até que Sua mão foi removida. Quando Ele removeu a Sua mão, os fiéis que aguardavam foram levados a estudar novamente os períodos proféticos e descobriram que a mesma evidência que os levava a apresentar que os períodos proféticos se encerravam em 1843 foi então reconhecida como prova de que dois deles terminaram em 1844.

Os 1335 começam em 508 d.C. e terminam em 1843. Os 2520 começam em 677 a.C. e são afetados pela plenitude do ano. Os Pioneiros pensavam que terminavam em 1843, mas mais tarde compreenderam que a mesma evidência que os levou a predizer 1843 provava que a profecia dos 2520 terminava em 1844. A profecia dos 2300 começa em 457 a.C., e eles haviam pensado que terminava em 1843, mas, após o desapontamento, por meio de seu estudo dos períodos proféticos, perceberam que terminava em 1844.

Há apenas três profecias que eles previram terminar em 1843, e uma delas termina: a dos 1335. Esta profecia não é aquela sobre a qual o Senhor manteve a Sua mão. Ela identifica a história dos mileritas desde o Tempo de Tardança, passando pelo Clamor da Meia-Noite, até 22 de outubro de 1844.

Na apresentação de ontem, encerramos com esta citação de Ellen White: “Bem-aventurados os olhos que viram as coisas que foram vistas em 1843 e 1844.” Isto é: “Bem-aventurado aquele que chega a 1843.” No parágrafo seguinte, ela diz: “A mensagem foi dada. E não deve haver demora em repetir a mensagem, pois os sinais dos tempos estão se cumprindo; a obra final deve ser realizada. Uma grande obra será feita em pouco tempo. Em breve será dada, por designação de Deus, uma mensagem que crescerá até tornar-se um alto clamor. Então Daniel estará em sua sorte, para dar o seu testemunho.” Manuscript Releases, volume 21, 437.

Daniel em pé na sua sorte é o versículo 13 de Daniel 12. “Bem-aventurados os olhos que viram as coisas que foram vistas em 1843 e 1844” é o versículo 12. Ellen White está dando comentário divino sobre Daniel 12:12–13, dizendo que esses versículos não tratam de uma profecia de tempo, mas de uma experiência que inclui 1843 e 1844, produzida por um mal-entendido acerca de 1843 que produz um tempo de tardança. Quando chega o tempo de tardança, “Bem-aventurado aquele que espera.” Ainda que a visão tarde, espera-a. Bem-aventurado é aquele que espera fielmente desde o Tempo de Tardança até que a porta se feche. O que o fiel vê em 1843 e 1844 é uma bênção que o conduz ao Lugar Santíssimo.

A profecia dos 1335 terminou em 1843, assinalando a chegada do Clamor da Meia-Noite. Os períodos proféticos de 2520 e 2300 terminam em 1844. Ellen White diz que as mesmas evidências que os levaram a proclamar que os 2520, 2300 e 1335 terminavam em 1843 foram então

reconhecidas como prova de que terminariam em 1844.

A luz da Palavra de Deus brilhou sobre sua posição, e eles descobriram um tempo de tardança — “Though it [the vision] tarry, wait for it.” Em seu amor pela vinda imediata de Cristo, haviam deixado de perceber a tardança da visão, a qual foi calculada para manifestar os verdadeiros que esperam. Mais uma vez tinham um ponto de tempo. Contudo, vi que muitos deles não conseguiam erguer-se acima de sua amarga decepção para possuir aquele grau de zelo e energia que havia caracterizado sua fé em 1843.

Satanás e seus anjos triunfaram sobre eles, e aqueles que não quiseram receber a mensagem felicitavam-se por seu juízo perspicaz e sabedoria em não acolher o engano, como o chamavam. Não percebiam que estavam rejeitando contra si mesmos o conselho de Deus e que estavam agindo em união com Satanás e seus anjos para confundir o povo de Deus, que estava vivendo a mensagem enviada do Céu.

Nesta história, há duas classes de adoradores. A classe infiel ridiculariza os que esperam, mas os que esperam são conduzidos de volta aos períodos proféticos e chegam a compreender que a mesma evidência que os levou a identificar a conclusão dos 2520 e dos 2300 em 1843 haveria de provar que eles terminaram em 1844.

Embora os que esperavam reconhecessem isso, não estavam tão inflamados pelo Senhor como antes do primeiro desapontamento. Seriam reavivados pela mensagem do Clamor da Meia-Noite. Os que esperavam já haviam compreendido 1844, o fim das profecias, antes do Clamor da Meia-Noite.

A mensagem do Clamor da Meia-Noite permitiu que os expectantes identificassem 22 de outubro de 1844. Com essa informação, já não se tratava apenas de algum momento em 1844; era neste exato dia, e isso conferiu poder à mensagem.

Vêis o processo? Os ensinamentos que produzem esta experiência são três profecias: a de 1335, a de 2300 e a de 2520.

Depois de perceberem isto, começaram a proclamar: “Saí de Babilônia.” Esta é a Mensagem do Segundo Anjo.

Sejamos claros: o que termina no tempo de demora? O uso do Quadro de 1843. Eles puseram esse Quadro de lado porque agora entendiam que o Senhor viria em 1844, ao passo que o Quadro dizia 1843. Assim, puseram o Quadro de lado para a história da Mensagem do Segundo Anjo.

Em que se torna a sua mensagem na história do Segundo Anjo? O último parágrafo o explica.

Os crentes nesta mensagem eram oprimidos nas igrejas. Durante algum tempo, aqueles que não queriam receber a mensagem foram contidos pelo temor de pôr em prática os sentimentos do seu coração; mas o passar do tempo revelou seus verdadeiros sentimentos. Desejavam silenciar o testemunho que os que aguardavam sentiam-se compelidos a dar: que os períodos proféticos se estendiam até 1844.

Que períodos proféticos? O 2520, o 2300 e o 1335. Essa é a sua mensagem nesta história. Agora eles estão dizendo: “Nós entendemos! Essas profecias se estendem até 1844.” A sua mensagem, na história do Clamor da Meia-Noite, são as profecias dos 2520 e dos 2300 anos.

Por algum tempo, aqueles que não queriam receber a mensagem foram impedidos, pelo temor, de dar vazão aos sentimentos de seu coração; mas a passagem do tempo revelou seus verdadeiros sentimentos. Desejavam silenciar o testemunho que os expectantes se sentiam compelidos a dar, de que os períodos proféticos se estendiam até 1844. Com clareza, os crentes explicaram seu engano—engano singular—e apresentaram as razões por que esperavam seu Senhor em 1844. Seus opositores não podiam apresentar argumentos contra as poderosas razões oferecidas. Contudo, acendeu-se a ira das igrejas; estavam decididas a não ouvir as evidências e a excluir o testemunho das igrejas, para que os outros não o pudessem ouvir.

O que acontece quando você apresenta o 2520 em conexão com os 2300 dias? Na História Millerita, você é expulso das igrejas, e há um esforço para silenciar essa mensagem.

Aqueles que não ousaram reter dos outros a luz que Deus lhes havia concedido foram excluídos das igrejas; mas Jesus estava com eles, e eles se alegravam na luz de Seu semblante. Estavam preparados para receber a mensagem do segundo anjo. Primeiros Escritos, 235–237.

Sem entrar em um estudo sobre os 2520, o que estamos procurando mostrar é que Ellen White coloca o seu selo de aprovação sobre os 2520. Se você não consegue ver isso, precisa orar para que Jesus remova as escamas dos seus olhos. Ellen White disse que a mesma evidência que os levou a predizer 1843 foi então vista como prova de que esses períodos proféticos terminaram em 1844. Ela sempre identifica os períodos proféticos, ou as cifras, no plural. Há somente três períodos proféticos no Quadro de 1843 que terminaram em 1843.

Aquela que, de fato, termina em 1843, os 1335, exige, para correção gramatical, pelo menos dois períodos proféticos para que ela diga “figuras” e “períodos proféticos”. Se há três e você retira um, então os dois que ela endossa são o 2520 e o 2300, independentemente do que qualquer outra pessoa possa dizer.

Nessa história, incluindo o Grande Desapontamento dos adventistas em 22 de outubro de 1844, o Senhor estava produzindo uma experiência na qual eles estavam sendo excluídos das igrejas, para que pudessem permanecer, não sob a influência de homens, mas sobre a Palavra de Deus. Eles necessitavam dessa experiência para ter a fé de entrar no Lugar Santíssimo com Jesus Cristo. Ele os estava aperfeiçoando para levar à conclusão o Evangelho Eterno.

Testemunho dos Pioneiros: James White e Uriah Smith

Em seguida, temos dois Pioneiros, James White e Uriah Smith. Estes são os principais homens a quem os teólogos modernos recorrem para afirmar que James White rejeitou o 2520 em 1863 e que Uriah Smith o rejeitou em seus escritos nas décadas de 1870 e 1880.

Estamos voltando a 1844 e pouco depois disso para ver como James White e Uriah Smith descrevem essa história idêntica que Ellen White acaba de descrever. Ela fala dos períodos

proféticos e do Senhor retirando a Sua mão e vendo o erro, e esses dois pioneiros também o fazem.

Ellen White não diz “2520” nem “sete tempos”, mas Uriah Smith e James White o dizem. Eles deixam claro que os períodos proféticos reconhecidos nesta história eram os 2520 e os 2300.

Tiago White, *Review and Herald*, volume 1, 9 de julho de 1851: “Diz um objeto: ‘Não creio que o clamor da meia-noite já tenha sido dado.’ Tampouco cremos que o clamor da meia-noite tenha sido ouvido por nós, ou que jamais o venha a ser. O clamor de Mateus 25:6, ‘Eis que o esposo vem’, está na história de um casamento oriental. Mas que um clamor foi dado, e plenamente recebido por todo o corpo adventista no outono de 1844, o qual bem se compara ao clamor da meia-noite da parábola, não deve ser negado por aqueles que tiveram uma experiência nisso.”

Tiago White está tratando de uma história em que as pessoas estão rejeitando o Clamor da Meia-Noite e caindo do caminho. Ele está respondendo a isso e discutirá essa história.

Veio no tempo certo. O clamor da parábola seguiu-se imediatamente à demora, e a tosquenejar e adormecer. Isso sucedeu à nossa demora, depois de haveremos sido desapontados, e chegou aos nossos ouvidos enquanto nos achávamos em estado de torpor. Aquele clamor despertou as dez virgens e as levou a preparar as suas lâmpadas. Isso, acompanhado do poder do Espírito, despertou o povo do Advento e o levou a examinar a Bíblia como nunca antes, e a consagrar-se, bem como aos seus bens terrenos, inteiramente ao Senhor. Os que proclamaram o clamor de que o Senhor viria no sétimo mês de 1844 viam claramente que os períodos proféticos se estendiam até aquele tempo; portanto, a evidência que havia sido apresentada a partir dos períodos para provar que o Advento seria em 1843 provava que seria em 1844. Vimos então um erro naquele modo de cálculo que fazia terminar os 2300 dias em 1843. Nenhum dos que escreveram contra o Advento o percebeu. A mão da Providência—P maiúsculo—encobriu o erro—singular—até chegar o tempo de ser visto. O erro consistia em subtrair 457 anos completos dos 2300, o que deixava 1843, sem levar em conta a fração do ano 457 a.C. que já havia transcorrido quando saiu o mandamento, a partir do qual são contadas as 70 semanas.

“Nossa atenção foi dirigida para aquele ponto no tempo, [1843,] pelo fato de que, datando os diversos períodos proféticos a partir daqueles anos aos quais os melhores cronologistas atribuem o cumprimento dos eventos que deveriam assinalar seu início, todos pareciam terminar naquele ano.”

Agora ele nos informa os períodos proféticos que eles julgavam ter terminado em 1843.

“Isto era, contudo, apenas aparente.” Apenas aparente que terminassem em 1843. Eles descobririam que terminavam em 1844.

“Datamos os ‘sete tempos’, ou 2520 anos, a partir do cativeiro de Manassés, o qual é, com grande unanimidade, situado pelos cronologistas em 677 a.C.” Estes são os períodos proféticos de que eles estavam tratando. “Esta é a única data da qual jamais calculamos o início deste período; e, subtraindo 677 a.C. de 2520 anos, restavam 1843 d.C. Nós, porém, não observamos que, assim como seriam necessários 677 anos completos a.C. e 1843 anos completos d.C. para

perfezer 2520 anos, isso também nos obrigaria a estender este período até tão longe em 1844 d.C. quanto ele pudesse ter começado depois do início de 677 a.C.”

Os períodos proféticos em que “a mão da Providência manteve Sua mão sobre o erro” incluíam os 2520.

Uriah Smith: “À medida que o tempo prosseguia além de 1843 d.C., muitos começaram a indagar as razões de seu desapontamento quanto ao ano de seu esperado livramento. Viu-se então que, fazendo começar todos os períodos proféticos nos anos a.C., nos quais sempre havíamos datado o seu início, eles não se completariam, respectivamente, mesmo supondo-se que nossa cronologia e a data de seu começo estivessem corretas, até algum momento dentro do ano de 1844. Assim, dos sete tempos, ou 2520 anos, começando em 677 a.C. — o grande jubileu, ou 2450 anos [não representado nem no gráfico de 1843 nem no de 1850.], começando em 607 a.C. — e os 2300 anos de Daniel, começando em 457 a.C. — como uma porção de cada um daqueles anos, a partir dos quais os períodos proféticos foram respectivamente datados, havia transcorrido antes da ocorrência dos vários eventos que assinalaram o seu início, seria necessário que se estendessem até 1844 d.C. tanto quanto, respectivamente, começaram depois do início dos anos a.C. dos quais são calculados em cada caso, para, ou completar o número de anos em cada um, ou pôr à prova a exatidão de nossa cronologia. Mas não havia nenhuma pista quanto ao tempo, nos respectivos anos a.C., em que os vários períodos começaram; e, conseqüentemente, o tempo, no ano de sua terminação, não podia ser marcado com exatidão.”

Uriah Smith e James White ambos testificam que os períodos proféticos reconhecidos como concluindo em 1844 eram os 2520 e os 2300 anos, usando as mesmas expressões que Ellen White em Primeiros Escritos, página 236 e seguintes.

A Cadeia da Verdade: Os Pontos de Partida de William Miller

Primeiros Escritos, página 230: “Deus enviou o Seu anjo” — o anjo Gabriel — “para impressionar o coração de um lavrador” — William Miller — “que não havia crido na Bíblia, a fim de levá-lo a examinar as profecias. Anjos de Deus visitaram repetidamente esse escolhido, para guiar-lhe a mente e abrir à sua compreensão profecias que sempre haviam sido obscuras para o povo de Deus. O início da cadeia da verdade foi-lhe dado, e ele foi levado a procurar elo após elo, até contemplar com assombro e admiração a Palavra de Deus. Ali viu uma perfeita cadeia de verdade. Essa Palavra, que ele considerara não inspirada, abriu-se então diante de sua visão em sua beleza e glória. Viu que uma porção da Escritura explica outra” — Gabriel lhe mostrou o método que chamamos de texto sobre texto, linha sobre linha, um pouco aqui, um pouco ali.

Gabriel deu-lhe o início da cadeia da verdade e o método de comprovação por textos bíblicos.

William Miller, Advent Review and Sabbath Herald, 18 de abril de 1854: “Por um estudo mais aprofundado das Escrituras, concluí que os sete tempos da supremacia gentílica deviam começar quando os judeus deixaram de ser uma nação independente, no cativeiro de Manassés, que os melhores cronologistas situavam em 677 a.C.; que os 2300 dias começaram com as

setenta semanas, que os melhores cronologistas datavam de 457 a.C.; e que os 1335 dias, começando com a remoção do contínuo e o estabelecimento da abominação desoladora, [Daniel 12:11] deviam ser datados a partir do estabelecimento da supremacia papal, após a remoção das abominações pagãs, e que, segundo os melhores historiadores que eu pude consultar, deveriam ser datados de cerca de 508 d.C.”

Ellen White afirma que Gabriel deu a William Miller o começo da cadeia da verdade, e William Miller testifica que os três pontos de início que lhe foram dados são 508 d.C., 677 a.C. e 457 a.C. Foram-lhe dados pelo anjo Gabriel os pontos de início dessas profecias que produziram a história do Clamor da Meia-Noite.

A Última Enganação: Rejeitando o Espírito de Profecia

Mensagens Escolhidas, livro 1, página 48: “Satanás está . . . constantemente introduzindo o espúrio — para desviar da verdade. O último engano de Satanás será tornar sem efeito o testemunho do Espírito de Deus.” O último engano de Satanás é destruir o Espírito de Profecia.

Se você rejeita essas verdades fundamentais, está simultaneamente rejeitando o Espírito de Profecia. Ellen White dá sua aprovação ao 2520. Rejeite o 2520, e você estará jogando fora tanto o bebê quanto a água do banho.

“Satanás está . . . constantemente introduzindo o espúrio — para desviar da verdade. O derradeiro engano de Satanás será tornar sem efeito o testemunho do Espírito de Deus. ‘Não havendo visão, o povo perece’ (Provérbios 29:18).” Ela está falando de rejeitar o Espírito de Profecia e, em conexão com isso, diz que, se você rejeita o Espírito de Profecia, onde não há visão o povo perece. O que é a visão? Se você rejeita o Espírito de Profecia, qual é a visão de que você carece?

“Escreve a visão e torna-a bem legível sobre tábuas, para que a possa ler até quem passa correndo.” Habacuque 2:2 (KJV). Se rejeitares o Espírito de Profecia, rejeitarás o Quadro de 1843; e, se rejeitares este Quadro, estarás rejeitando o Espírito de Profecia.

“Satanás operará engenhosamente, de diversas maneiras e por meio de diferentes instrumentos, para abalar a confiança do povo remanescente de Deus no verdadeiro testemunho. Acender-se-á um ódio contra os Testemunhos que é satânico.” Às vezes pensamos no que é “satânico” como atos sinistros, mas em Patriarcas e Profetas nos é dito que Satanás opera insinuando dúvidas. Esse é o ataque satânico contra o Espírito de Profecia e estas verdades fundamentais. É por meio de homens em quem se supõe que devemos confiar que essas dúvidas são insinuadas.

“Será despertado contra os Testemunhos um ódio que é satânico. As operações de Satanás terão por objetivo abalar neles a fé das igrejas, por esta razão: Satanás não pode ter um caminho tão livre para introduzir seus enganos e prender almas em suas ilusões, se forem atendidas as advertências, repreensões e instruções do Espírito de Deus.” Mensagens Escolhidas, livro 1, 48.

Ao levarmos isto a uma conclusão, quando a irmã White diz que nada temos a temer quanto ao futuro, exceto que nos esqueçamos da direção do Senhor, estou dizendo que a direção do Senhor de que ela fala é a história desde o Tempo de Tardança até a porta fechada — a história representada pela expressão O Clamor da Meia-Noite. Nada temos a temer quanto ao futuro, exceto que nos esqueçamos de como o Senhor nos guiou na experiência do Clamor da Meia-Noite, e também dos ensinamentos ligados a essa direção. Os ensinamentos que produziram essa experiência são as três profecias de tempo, que começam com as datas dadas a William Miller pelo anjo Gabriel. Nada temos a temer quanto ao futuro, exceto que nos esqueçamos desses ensinamentos, incluindo o 2520, que produziram a experiência do Clamor da Meia-Noite, ao guiar o Senhor os mileritas através do clímax do Evangelho Eterno.

Spalding and Magan, páginas 305–306: “Uma coisa é certa: os adventistas do sétimo dia que se colocam sob o estandarte de Satanás abandonarão primeiro sua fé nas advertências e repreensões contidas nos Testemunhos do Espírito de Deus.” Se rejeitais os Fundamentos, estais rejeitando o Espírito de Profecia. Se rejeitais o Espírito de Profecia, estais rejeitando os Fundamentos. Eles vão juntos. Onde não há Espírito de Profecia, não há visão.

O chamado para uma consagração maior e um serviço mais santo está sendo feito, e continuará a ser feito. Alguns que agora estão dando voz às sugestões de Satanás cairão em si. Há os que ocupam importantes posições de confiança e não compreendem a verdade para este tempo. A eles a mensagem deve ser dada. Se a receberem, Cristo os aceitará e fará deles cooperadores seus. Mas, se se recusarem a ouvir a mensagem, tomarão posição sob a negra bandeira do Príncipe das Trevas.

Sou instruída a dizer que a preciosa verdade para este tempo se abre cada vez mais claramente às mentes humanas. Em sentido especial, homens e mulheres devem comer a carne de Cristo e beber o seu sangue. Haverá um desenvolvimento da compreensão, pois a verdade é suscetível de constante expansão. O divino originador da verdade entrará em comunhão cada vez mais íntima com aqueles que prosseguem em conhecê-lo. À medida que o povo de Deus receber a sua palavra como o pão do céu, saberá que as suas saídas estão preparadas como a manhã. Receberá força espiritual, assim como o corpo recebe força física quando o alimento é ingerido.

“Não compreendemos nem pela metade o plano do Senhor ao tirar os filhos de Israel da servidão egípcia e conduzi-los pelo deserto até Canaã.

“À medida que recolhemos os raios divinos que resplandecem do evangelho, teremos uma percepção mais clara da economia judaica e uma apreciação mais profunda de suas importantes verdades. Nossa exploração da verdade ainda está incompleta. Recolhemos apenas alguns poucos raios de luz. Aqueles que não são diariamente estudantes da Palavra não solucionarão os problemas da economia judaica. Não compreenderão as verdades ensinadas pelo serviço do templo. A obra de Deus é prejudicada por uma compreensão mundana de Seu grande plano. A vida futura desdobrará o significado das leis que Cristo, envolto na coluna de nuvem, deu ao Seu povo.” Spalding and Magan, 305–306.

Aqueles adventistas que recebem a marca da besta, permanecendo sob a bandeira de Satanás, primeiramente rejeitam o Espírito de Profecia.

Há duas classes nesta passagem: os que prosseguem em conhecer o Senhor, continuam a comer Sua carne e a beber Seu sangue, e continuam a estudar a Palavra de Deus, e os que não o fazem. O desenvolvimento da verdade não está concluído; terão coisas a dizer acerca do serviço do Santuário que ainda não foram ditas. Darão ênfase à mudança de dispensação no tempo de Cristo, prefigurando a mudança no tempo milerita, apontando para a dispensação em que Cristo passa do Juízo dos Mortos para o Juízo dos Vivos. Terão coisas a dizer acerca do Santuário e de como o Senhor assinala Seus movimentos nessas mudanças de dispensações pelo derramamento de Seu Espírito.

Mais algumas citações e estamos quase terminando.

Aqueles adventistas do sétimo dia que rejeitam o Clamor da Meia-Noite caem do caminho, rejeitando as orientações do Senhor e os ensinamentos doutrinários que produzem a história do Clamor da Meia-Noite. É isso que temos de temer — rejeitar esses ensinamentos e não compreender essa experiência. Ao fazê-lo, estamos rejeitando o Espírito de Profecia.

A irmã White põe o seu selo de aprovação sobre o 2520. Mostraremos como ela põe o seu selo de aprovação sobre outras verdades no Quadro de 1843.

No fim do mundo, quando tudo isso chegar ao clímax do Evangelho Eterno em nossa história, o adventismo será confrontado com o processo de prova em três etapas que foi prefigurado, como se vê na experiência de William Miller.

William Miller cometeu três erros: (1) Rejeitou o Clamor da Meia-Noite e caiu do caminho para o mundo ímpio abaixo. (2) Depois disso, confiou na influência humana, Joshua Himes. (3) Rejeitou o sábado.

Surgiu uma pergunta: "Rejeitou ele o sábado ou o Santuário?" O ensino que, naquele período, passou do santuário na Terra para o Santuário no Céu talvez não tenha sido plenamente compreendido por Miller. Quando Ellen White foi conduzida ao Lugar Santíssimo, ela viu os Dez Mandamentos na arca da aliança, e o mandamento do sábado tinha ao seu redor um santo resplendor.

Aquilo que Miller rejeitou foi a Lei de Deus — o sábado. Assim, Miller rejeitou o Clamor da Meia-Noite, então se apoiou na carne e, em seguida, recebeu a marca da besta. Isso se repete no fim do mundo.

Testemunhos, volume 5, página 211: "Aqui vemos que a igreja — o santuário do Senhor — foi a primeira a sentir o golpe da ira de Deus. Os homens idosos, aqueles a quem Deus havia concedido grande luz e que haviam permanecido como guardiães dos interesses espirituais do povo, haviam traído a confiança neles depositada." Ela está comentando sobre Ezequiel 8 e 9, o selamento. A irmã White diz que o selamento em Ezequiel 9 é o mesmo que o selamento de Apocalipse 7. Ela está falando do período de tempo do selamento dos 144.000. Ela diz que

aqueles que deviam ser os guardiães haviam traído a confiança neles depositada.

“Assumiram a posição de que não precisamos esperar milagres nem a manifesta demonstração do poder de Deus, como nos dias passados. Os tempos mudaram.” Seu primeiro erro foi opor-se ao Clamor da Meia-Noite, dizendo: “O que ocorreu nessa história do Clamor da Meia-Noite não se repete.” Estão se desviando do caminho.

“Estas palavras fortalecem a sua incredulidade, e eles dizem: O Senhor não fará bem, nem fará mal. Ele é demasiado misericordioso para visitar o Seu povo com juízo. Assim, ‘Paz e segurança’ é o clamor de homens que nunca mais erguerão a voz como trombeta para mostrarem ao povo de Deus as suas transgressões e à casa de Jacó os seus pecados. Estes cães mudos que não latiam são os que sentem a justa vingança de um Deus ofendido. Homens, donzelas e crianças pequenas perecem todos juntamente.” Testimonies, volume 5, 211.

Jeremias, falando da segunda falha de William Miller, disse: “Assim diz o Senhor: Maldito o homem que confia no homem, e faz da carne o seu braço, e aparta o seu coração do Senhor.” Jeremias 17:5 (KJV). Se você confia em um homem, o seu coração se aparta do Senhor.

A primeira rejeição no fim é o Clamor da Meia-Noite, uma repetição da manifestação do poder de Deus. A segunda é apoiar-se na carne. A terceira é a Lei Dominical.

Só pode haver duas classes. Cada grupo é distintamente assinalado, ou com o selo do Deus vivo, ou com a marca da besta ou da sua imagem. Cada filho e filha de Adão escolhe, como seu chefe, ou a Cristo ou a Barrabás. E todos os que se colocam do lado dos desleais estão de pé sob a negra bandeira de Satanás, e são acusados de rejeitar e ultrajar a Cristo. São acusados de crucificar deliberadamente o Senhor da vida e da glória.” Review and Herald, 30 de janeiro de 1900.

Uma coisa é certa: os adventistas do sétimo dia que se colocarem sob a bandeira de Satanás primeiro abandonarão sua confiança no Espírito de Profecia.

O adventismo repete o processo de prova em três etapas no qual William Miller falhou. Mas os anjos estão aguardando para ressuscitar Miller e levá-lo para casa, junto de seu Salvador. Para os adventistas que receberem a marca da besta, não são esses os anjos que os estarão aguardando.

“Repetidas vezes me tem sido mostrado que as experiências passadas do povo de Deus não devem ser consideradas fatos mortos. Não devemos tratar o registro dessas experiências como trataríamos um almanaque do ano passado. O registro deve ser conservado na memória, pois a história se repetirá.” Publishing Ministry, 175.

Por que precisamos lembrar o Clamor da Meia-Noite? Porque a história vai se repetir. Nesta história, a mensagem que causará o abalo é a do 2520 e a dos 2300; por causa disso, ela levará as pessoas a saírem das igrejas.

Mas será que esta história, o Clamor da Meia-Noite, de fato se repetirá, ou é apenas uma história? Observe esta próxima citação:

Há um mundo jazendo na impiedade, no engano e na ilusão, na própria sombra da morte,—adormecido, adormecido. Quem está sentindo angústia de alma para despertá-lo? Que voz poderá alcançá-lo? Meu pensamento foi transportado para o futuro, quando o sinal será dado: “Eis o Noivo vem; saí ao seu encontro.” Mas alguns terão demorado em obter o óleo para reabastecer suas lâmpadas, e tarde demais descobrirão que o caráter, que é representado pelo óleo, não é transferível.” Review and Herald, 11 de fevereiro de 1896.

Esta história do Clamor da Meia-Noite repete-se até a última letra.

Ellen White compreendeu que o 2520 era uma profecia de tempo válida e que foi usado pelo Senhor para produzir o tempo de demora, o desapontamento que criou a experiência que preparou homens e mulheres para avançarem pela fé ao Lugar Santíssimo com Cristo.

Ainda não procuramos provar pela Bíblia os 2520. Neste estudo das Duas Tábuas de Habacuque, queremos primeiro deixar claro que Ellen White endossa essas doutrinas que hoje estão sendo rejeitadas pelo Adventismo; em seguida, passaremos ao estudo bíblico.